

# A CONSTRUÇÃO DO OLHAR NARRATIVO: PERCURSOS DE LETRAMENTO LITERÁRIO NOS CONTOS “OLHOS D’ÁGUA” DE CONCEIÇÃO EVARISTO E “OLHOS NOS OLHOS” DE MIA COUTO

Nívea de Fátima Silveira BATISTA<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)  
[niveasilveira@yahoo.com.br](mailto:niveasilveira@yahoo.com.br)

Patrícia Pedrosa BOTELHO<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Juiz de Fora/ IF Sudeste MG (UFJF/ IF Sudeste MG)  
[patricia.botelho@ifsudestemg.edu.br](mailto:patricia.botelho@ifsudestemg.edu.br)

**RESUMO:** Partindo dos pressupostos teóricos de Cosson (2021) e Paulino e Cosson (2009), que denominam o letramento literário como instrumento de formação literária, e de Coelho (2000), ao dizer que o narrador “produz a dinâmica narrativa” (Coelho, 2000, p. 67), nosso trabalho tem como objetivo correlacionar dois contos – “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo, e “Olhos nos olhos”, de Mia Couto - para o 9º ano do Ensino Fundamental, com o intuito de promover o letramento literário e ampliar o repertório cultural necessários para o desenvolvimento escolar e social dos estudantes. Acreditamos que a proposta aqui construída é possibilitar aos alunos uma leitura da perspectiva do narrador e como o “olhar” dos personagens funciona como um instrumento que conduz a narrativa e constrói as personagens como agentes de suas próprias ações. Para tanto, adotamos a leitura protocolada de Coscarelli (1996) e o conceito que Colomer (2007) aponta em ler coletivamente como forma de compartilhar a leitura e refletir sobre as diferentes percepções que os contos podem proporcionar. Ancorados na perspectiva de uma leitura que valoriza a personagem feminina como protagonista de sua própria história, observamos em Adichie (2015) a importância de ampliar os debates sobre o feminismo, destacando a autonomia e a voz das mulheres.

**PALAVRAS-CHAVE:** letramento literário; protagonismo feminino; narrador; formação do leitor.

## THE CONSTRUCTION OF THE NARRATIVE LOOK: PATHS OF LITERARY LITERACY IN THE STORIES “OLHOS D’ÁGUA” BY

<sup>1</sup> Mestra em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

<sup>2</sup> Pós-doutora em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

## CONCEIÇÃO EVARISTO AND “OLHOS NOS OLHOS” BY MIA COUTO

**ABSTRACT:** Based on the theoretical assumptions of Cosson (2021) and Paulino and Cosson (2009), who define literary literacy as an instrument of literary development, and Coelho (2000), who states that the narrator “produces the narrative dynamic” (Coelho, 2000, p. 67), our work aims to correlate two short stories - “Olhos d’água” by Conceição Evaristo, and “Olhos nos olhos” by Mia Couto - for 9th grade students. This work aims to promote literary literacy and broaden the cultural repertoire necessary for students’ academic and social development. We believe that the purpose of this study is to enable students to read from the narrator’s perspective and how the characters’ “gaze” functions as an instrument that guides the narrative and constructs the characters as agents of their own actions. To this end, we adopted Coscarelli’s (1996) protocolized reading and Colomer’s (2007) concept of collective reading as a way to share the reading and reflect on the different perceptions that stories can provide. Anchored in the perspective of a reading that values the female character as the protagonist of her own story, we observed in Adichie (2015) the importance of expanding discussions on feminism highlighting women’s autonomy and voice.

**KEYWORDS:** literary literacy; female protagonism; narrator; reader development.

### 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Para construirmos uma sociedade crítica e que tenha valores sociais relevantes para constituição de cidadãos conscientes, valorizamos a leitura literária como um instrumento essencial para desenvolver empatia, reflexão e uma visão crítica do mundo. A leitura literária não amplia apenas o repertório cultural dos indivíduos, mas também fornece um espaço para que questões sociais, históricas e humanas sejam discutidas de maneira sensível e profunda. Por meio dela, é possível acessar diferentes realidades, vivências e perspectivas, estimulando o respeito à diversidade e a capacidade de questionar desigualdades e opressões. Além disso, a literatura promove o pensamento crítico e a construção de valores éticos, formando cidadãos capazes de participar ativamente na transformação da sociedade. A leitura dos textos de Conceição Evaristo e Mia Couto são fundamentais para a ampliação da compreensão da experiência humana e para a formação

do leitor como sujeito ativo na construção de sentidos. Assim, este trabalho propõe analisar como a construção do olhar narrativo nos contos “Olhos d’Água”, de Conceição Evaristo, e “Olhos nos Olhos”, de Mia Couto, contribui para o desenvolvimento do letramento literário, ao evidenciar as relações entre narrador, perspectiva e subjetividade na construção de sentidos pelo leitor. Além disso, será discutida a importância da literatura na formação dos estudantes, considerando seu papel na promoção do letramento e no acesso à cultura de forma crítica e significativa. Neste sentido, Lajolo nos diz que,

[...] é à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos (Lajolo, 1993, p. 106).

Assim, este trabalho tem como objetivo partir da leitura dos contos “Olhos d’Água”, de Conceição Evaristo, e “Olhos nos Olhos”, de Mia Couto, analisando a importância do olhar das personagens, em como elas percebem a si mesmas e aos outros no enredo dessas narrativas. A partir da literatura contemporânea, busca-se compreender como o olhar se configura como um elemento essencial na construção de sentido, revelando aspectos sociais, culturais e emocionais que envolvem os personagens principais. Dessa forma, a proposta aqui é estruturar um roteiro em módulos de atividades que possibilitem reflexões e análises, promovendo tanto o conhecimento literário quanto o desenvolvimento da competência leitora dos adolescentes a quem esta análise é proposta por meio de atividades.

Para o desenvolvimento desta proposta de intervenção, as atividades são organizadas em módulos e fazem uso da leitura protocolada, conforme proposta de

Coscarelli (1996), que prevê a realização de intervalos estratégicos durante a leitura para permitir uma análise detalhada de trechos específicos. Inicialmente, é trabalhado o conto “Olhos d’Água”, de Conceição Evaristo, com foco na construção da personagem principal. Por meio da leitura pausada e reflexiva, os estudantes são estimulados a identificar elementos narrativos que são abordados para a caracterização da protagonista, considerando não apenas sua trajetória, mas também os aspectos simbólicos e subjetivos que o olhar assume ao longo do enredo. A análise desses trechos permitirá que os leitores compreendam como a identidade narrativa revela camadas profundas da personagem e sua relação com o contexto social e emocional em que está inserida.

Após o estudo do conto de Conceição Evaristo, é realizada a leitura de “Olhos nos Olhos”, de Mia Couto, com o objetivo de explorar como o olhar dos personagens revela aspectos essenciais de suas características e emoções. Durante essa etapa, os alunos são orientados a comparar as duas narrativas, observando semelhanças e diferenças na forma como o olhar das protagonistas é empregado como um elemento estruturante do enredo. A análise conjunta dos contos possibilita a compreensão de como a construção do olhar contribui para a produção do sentido nas histórias e para a relação dos personagens com seu entorno. Dessa forma, ao final das atividades, espera-se que os estudantes desenvolvam uma leitura mais crítica e sensível, reconhecendo o olhar narrativo como um elemento central na construção literária e na representação das identidades das personagens, ampliando, assim, sua capacidade de interpretar e refletir sobre as vozes e perspectivas presentes nos textos.

## **2 A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA: REFLEXÃO, CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E FORMAÇÃO CRÍTICA**

A proposta das atividades desenvolvidas neste trabalho fundamenta-se na estratégia da sequência básica de Cosson (2021), composta por motivação, introdução, leitura e interpretação. Esse modelo visa sistematizar a leitura literária, permitindo que alunos e professores estabeleçam uma prática significativa, que não apenas fomente o gosto pela literatura, mas também contribua para a construção do pensamento crítico e da subjetividade dos leitores. Como destaca Cosson (2021), a literatura possui um potencial transformador, capaz de permitir ao sujeito dizer o mundo e a si mesmo, promovendo um diálogo entre texto e leitor que ultrapassa a mera decodificação das palavras escritas.

Nesse contexto, o presente trabalho se ancora nos pressupostos do letramento literário, conforme conceituado por Cosson (2021) e por Paulino e Cosson (2009), que defendem o papel central da escola na formação do leitor literário. Para Cosson (2021), o ensino da literatura no ambiente escolar tem sido historicamente fragilizado por abordagens que reduzem o texto literário a meros exercícios interpretativos descontextualizados ou, ainda, por práticas que não levam em consideração a subjetividade do leitor. O autor aponta que, muitas vezes, qualquer texto que apresente elementos de ficção ou poesia é considerado suficiente para a abordagem literária, independentemente de sua profundidade estética e de seu potencial formativo. Dessa forma, ele alerta para a “falência do ensino da literatura” (Cosson, 2021, p. 23), defendendo a necessidade de uma leitura sistemática e organizada, orientada por objetivos que promovam a formação leitora no ambiente escolar de maneira eficaz e prazerosa.

Para superar essa lacuna e promover um ensino literário que efetivamente contribua para a emancipação intelectual do estudante, Cosson (2021) propõe que a leitura literária seja conduzida sem que se perca o prazer do texto, mas com um compromisso rigoroso com o conhecimento. Dessa forma, o ensino do texto literário deve ser estruturado de modo que os estudantes possam apreciá-lo esteticamente, ao mesmo tempo em que

desenvolvem habilidades analíticas e interpretativas que ampliem sua visão de mundo. A escola, portanto, desempenha um papel fundamental nesse processo, pois, como assevera Cosson (2021), “o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola” (p. 23). Assim, a literatura na escola não deve ser vista apenas como um conteúdo curricular, mas como uma ferramenta poderosa para a construção de sentidos e para o desenvolvimento da sensibilidade crítica dos estudantes.

Nesse sentido, proporcionar a leitura literária na escola é essencial para que os alunos se apropriem da literatura como uma construção simbólica e estética capaz de dialogar com suas experiências de vida. Paulino e Cosson (2009) destacam que esse processo de apropriação não pode ocorrer de maneira aleatória, mas deve seguir parâmetros que garantam aprendizagens significativas, permitindo aos estudantes estabelecer relações entre a literatura e sua própria realidade. Essa construção de sentidos possibilita reflexões conscientes sobre questões sociais, culturais e humanas, conferindo à literatura seu papel formador e transformador na experiência escolar.

Para a efetivação dessas propostas, as atividades são estruturadas também com base na leitura compartilhada e protocolada, conforme os estudos de Coscarelli (1996). A leitura protocolada consiste em um processo estruturado que prevê interrupções estratégicas durante a leitura para aprofundar a compreensão do enredo e das camadas de sentido do texto. Além disso, é aplicada a estratégia de processamentos de leitura, proposta por Coscarelli (1996), que considera a leitura como um ato integrativo. Esse modelo pressupõe que o leitor relate as informações do texto aos seus conhecimentos prévios, promovendo a construção ativa do significado. Como explica Coscarelli (1996):

É feita a integração das informações do texto aos conhecimentos prévios do leitor. É preciso que o leitor seja capaz de analisar o que ele leu comparando as informações do texto com o seu conhecimento de mundo. É nesse domínio que o leitor vai perceber as semelhanças e diferenças

entre um texto já lido e o que acabou de ler; é aqui que ele vai adquirir mais informações ou modificar as informações que ele já possui sobre um determinado assunto (Coscarelli, 1996, p. 6).

Esse modelo de leitura permite que os estudantes estabeleçam conexões entre os contos “Olhos d’Água”, de Conceição Evaristo, e “Olhos nos Olhos”, de Mia Couto, compreendendo como o olhar dos personagens se configura como um elemento central na construção de sentido das narrativas. O olhar, nesses textos, não se restringe a um recurso descritivo, mas funciona como um elemento simbólico que revela aspectos psicológicos, sociais e emocionais das personagens, contribuindo para a densidade narrativa e para a compreensão de suas trajetórias.

A leitura literária, portanto, não pode ser reduzida a um simples exercício escolar de interpretação, mas deve ser conduzida de modo a respeitar a subjetividade do leitor e a valorização de sua experiência pessoal no ato de leitura. Como destaca Kleiman (2010), o leitor utiliza seu conhecimento prévio na construção do sentido do texto:

O leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento prévio adquirido ao longo da vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto (Kleiman, 2010, p. 13).

Assim, para que essa interação seja plenamente explorada, a leitura deve ser dividida em partes e realizada com processamentos específicos que favoreçam o compartilhamento de conhecimentos. Coscarelli (1996) reforça essa perspectiva ao afirmar que o ato de ler pode ser subdividido em várias partes que podem ser trabalhadas e desenvolvidas separadamente na escola. Dessa maneira, a construção dos sentidos ocorre de forma progressiva, garantindo que a leitura seja uma experiência significativa e transformadora para os estudantes.

Por fim, a leitura compartilhada proposta neste trabalho enfatiza a importância do diálogo entre os leitores, pois, conforme argumenta Colomer (2007), compartilhar as obras literárias possibilita um aprendizado coletivo que enriquece a experiência leitora. Dessa forma, “compartilhar as obras com as outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros” (Colomer, 2007, p. 143).

A troca de saberes e de experiências entre professor(a), estudantes e entre os próprios alunos contribui para a ampliação da competência leitora, indo além do instrumental acadêmico e consolidando a leitura literária como uma prática social relevante. Dessa maneira, os textos ficcionais deixam de ser apenas representações simbólicas distantes da realidade dos leitores e passam a se configurar como espelhos de múltiplas vivências, proporcionando uma percepção mais ampla da condição humana e da complexidade dos indivíduos e das sociedades.

A escolha do narrador em uma narrativa literária é essencial para moldar a forma como os eventos e os personagens são apresentados ao leitor. Ao explorar as diferentes vozes narrativas, é possível compreender como elas constroem significados e revelam nuances do enredo e das emoções dos personagens. Nesse contexto, a análise do narrador personagem e do narrador onisciente permite identificar as implicações de suas perspectivas na interpretação dos contos.

Diante da necessidade de compreender o narrador como elemento central no texto narrativo, as atividades propostas baseiam-se nos conceitos de Coelho (2000), que apresenta os tipos de narrador mais adequados para o trabalho no ensino fundamental, por serem de mais fácil compreensão para os alunos. Na esteira de Leite (2002), a predominância dos focos narrativos em 3<sup>a</sup> pessoa “que esclarece completamente todos os pormenores do que é narrado” (Leite, 2000, p. 69), e o foco narrativo em 1<sup>a</sup> pessoa, ou

seja, “é um foco de um eu que está dentro dos fatos narrados; é através de um eu que a narrativa flui” (Leite, 2000, p. 70). A autora os denomina como foco onisciente (ou externo subjetivo) e foco confessional e intimista, respectivamente.

É importante que os narradores sejam estudados com o objetivo de compreender como a construção do enredo é importante para apresentar o olhar de seus personagens. Por isso, esse artigo analisa o narrador personagem que “expõe suas próprias experiências” (Coelho, 2000, p. 68) no conto “Olhos d’água” e o narrador onisciente que “além de apreender perfeitamente o exterior dos acontecimentos, conhece com segurança o interior das personagens” (Coelho, 2000, p. 69) no conto “Olhos nos olhos”.

Ressaltamos ainda que, com base no conceito de narrador apresentado por Coelho (2000), é fundamental que o aluno compreenda que cada narrativa constrói um narrador próprio, distinto do autor real. A configuração desse narrador está diretamente relacionada ao efeito de sentido que o texto busca produzir, considerando o foco narrativo adotado e as experiências que pretende representar.

Ao pensar no papel do narrador no processo narrativo como elemento literário a ser ensinado, consideramos analisar o tipo de narrador em cada conto. Nesse sentido, Leite (2002, p. 26) faz uso de reflexões de Norman Friedman com o intento de questionar algumas premissas em torno do narrador:

- 1) quem conta a HISTÓRIA? Trata-se de um NARRADOR em primeira ou em terceira pessoa? de uma personagem em primeira pessoa? não há ninguém narrando?; 2) de que POSIÇÃO ou ÂNGULO em relação à HISTÓRIA o NARRADOR conta? (por cima? na periferia? no centro? de frente? mudando?); 3) que canais de informação o NARRADOR usa para comunicar a HISTÓRIA ao leitor (palavras? pensamentos? percepções? sentimentos? do autor? da personagem? ações? falas do autor? da personagem? ou uma combinação disso tudo?); 4) a que DISTÂNCIA ele coloca o leitor da história (próximo? distante? mudando?)? (Friedman, 1967 *apud* Leite, 2002, p. 26.).

A partir de algumas das perguntas propostas por Friedman (*apud* Leite, 2002), é possível levantar questões junto aos estudantes para compreendermos como o narrador foi construído nos contos. Os questionamentos possibilitam não apenas identificar o tipo de narrador, mas também compreender como sua construção interfere diretamente na forma como a história é contada, nas interpretações possíveis e na maneira como o leitor se envolve com o texto. A partir desse referencial, é possível desenvolver atividades pedagógicas que levem os alunos a refletir sobre os efeitos de sentido criados pelas escolhas narrativas, promovendo um letramento literário que ultrapassa a decodificação da trama e alcança níveis mais complexos de análise e de interpretação. Assim, o estudo do narrador deixa de ser um conteúdo técnico isolado e passa a integrar uma prática de leitura crítica, sensível e atenta às múltiplas vozes presentes na literatura.

### **3 A ESCOLHA DO REPERTÓRIO: LEITURAS QUE INSTIGAM O OLHAR E A REFLEXÃO**

A escolha dos contos “Olhos d’Água”, de Conceição Evaristo, e “Olhos nos Olhos”, de Mia Couto, fundamenta-se na potência estética, simbólica e social dessas narrativas para o trabalho com o letramento literário em sala de aula. Ambos os textos apresentam narradores com perspectivas distintas e recursos narrativos singulares, que permitem aos estudantes exercitar a leitura crítica, a análise de elementos estruturais do texto literário e, sobretudo, o reconhecimento de subjetividades atravessadas por desigualdades, silêncios e afetos. A presença recorrente da metáfora do olhar nas duas obras é um elo temático que fortalece a proposta pedagógica deste trabalho: refletir sobre os modos de ver, sentir e narrar o mundo por meio da literatura.

No conto “Olhos d’Água”, Conceição Evaristo constrói uma narrativa marcada pela dor, pela ausência e pela força expressiva do não dito. A história é narrada em primeira

pessoa por uma mulher negra em situação de vulnerabilidade, cuja voz carrega marcas da exclusão social, da fome e do abandono. O título remete metaforicamente à potência do olhar como espaço de resistência e de memória: os olhos da personagem, marejados de água, testemunham uma história de sofrimento, mas também revelam uma subjetividade.

A escolha da primeira pessoa como foco narrativo aproxima o leitor da experiência vivida pela personagem, criando um vínculo afetivo que desperta empatia e identificação. Essa estratégia de construção narrativa é fundamental para provocar nos estudantes uma leitura sensível e crítica, capaz de reconhecer a dimensão humana e social da ficção. Em sala de aula, esse conto pode ser explorado como ponto de partida para reflexões sobre racismo, desigualdade, gênero e a condição da mulher negra na sociedade brasileira, promovendo o letramento literário ao mesmo tempo em que estimula a escuta de vozes silenciadas.

Já em “Olhos nos Olhos”, de Mia Couto, o olhar assume outra função: a de confronto e a de revelação. O conto é narrado por um homem que se depara com a ruptura de seu relacionamento, a partir da partida de sua companheira. A narrativa, estruturada como uma carta ou monólogo íntimo, apresenta um narrador que, por meio da escrita, busca compreender a ausência e os silêncios da mulher que o deixou. Nesse processo, o olhar não se volta apenas para a outra, mas também retorna a si mesmo - como um espelho que o obriga a repensar suas posturas, afetos e expectativas.

Diferente de Evaristo, Mia Couto utiliza uma linguagem marcada por imagens poéticas e fluidez metafórica, o que permite aos alunos trabalhar a plurissignificação do texto, a subjetividade das personagens e o implícito da narrativa. A mulher, embora ausente fisicamente, se impõe como presença simbólica: aquela que, ao dizer “não”, rompe com o ciclo da dependência emocional e reafirma sua autonomia. O conto propõe uma

reflexão sobre os papéis de gênero, a escuta nos relacionamentos e as diferentes formas de narrar a ausência.

Assim, ao serem analisados em conjunto, os contos revelam diferentes formas de construção do olhar narrativo — ora como denúncia, ora como introspecção —, oferecendo ao estudante a possibilidade de compreender como a literatura articula forma e conteúdo para representar conflitos humanos profundos. Ambos os textos, ao abordarem subjetividades e relações sociais por meio de narradores singulares, tornam-se potentes instrumentos para o desenvolvimento do letramento literário e da formação crítica dos leitores em contexto escolar.

#### **4 PERSPECTIVAS LITERÁRIAS ACERCA DE “OLHOS D’ÁGUA” E “OLHOS NOS OLHOS”**

Ao selecionarmos textos de Conceição Evaristo e Mia Couto para o desenvolvimento desta intervenção, partimos da premissa de que o letramento literário deve promover a capacidade de “ver pela perspectiva do outro” (Bernardo, 2013, p. 85). Nesse sentido, torna-se fundamental garantir que essas obras estejam acessíveis aos estudantes, de modo a ampliar seus repertórios de leitura e possibilitar a construção de novos olhares sobre o mundo e sobre as diferentes experiências humanas.

A escolha desses autores contemporâneos contribui para uma maior aproximação entre as vivências dos estudantes, os problemas reais que os cercam e as questões que precisam ser debatidas e compartilhadas no ambiente escolar. A literatura é capaz de promover essa aproximação, não como um pretexto de simples ilustração de temas sociais, mas como um meio de provocar reflexão, empatia e deslocamento do olhar, permitindo, como afirma Bernardo (2013), que o leitor suspenda sua descrença de que aquela história não seja verdadeira e a leia como se fosse a verdade mais verdadeira do mundo. Conceição

Evaristo nos proporciona essa experiência por meio do conto “Olhos d’Água”, ao criar uma narrativa que mobiliza afetos, reflexões e reconhecimento. É importante que os alunos consigam identificar nessa história a representação das vivências de tantas mulheres negras, compreendendo como a literatura pode ser um espaço de escuta, denúncia e valorização dessas vozes historicamente silenciadas.

Buscamos desconstruir a visão tradicional que, por décadas, foi ensinada na escola sobre a escravização e o processo de abolição, frequentemente retratados de forma simplista e descontextualizada. Procuramos evidenciar as marcas profundas que a abolição incompleta deixou na sociedade brasileira, especialmente na vida da população negra. Ao discutir as condições de sobrevivência de homens e mulheres negras — em especial das mulheres, que seguem tendo seus direitos sistematicamente negados e, muitas vezes, assumem sozinhas a responsabilidade pelos filhos, sem apoio do Estado ou dos pais —, reforçamos junto aos estudantes que “o que está em questão não é um posicionamento moral, individual, mas um problema estrutural” (Ribeiro, 2019, p. 14).

Para a realização das atividades e a escolha do olhar da personagem retratado no conto de Mia Couto e o olhar da protagonista que Conceição Evaristo metaforiza em seu texto, pensamos na diferenciação que Jouve (2012) faz entre entender e explicar. No momento que os estudantes compreendem que “entender é identificar o sentido literal de um texto” e “interpretar é depreender algumas significações sintomáticas” (Jouve, 2012, p. 104), as atividades passam a fazer mais sentido.

No contexto desta proposta, as obras escolhidas — o conto “Olhos nos Olhos”, de Mia Couto, e o conto “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo — oferecem perspectivas distintas e complementares que enriquecem a experiência de leitura e favorecem a construção de múltiplos sentidos. No texto de Mia Couto, o olhar da personagem principal é marcado por uma linguagem poética e por uma sensibilidade que revela as sutilezas das

relações humanas e das tensões sociais. Já na narrativa de Conceição Evaristo, o olhar da protagonista, carregado de memórias, resistência e ancestralidade, metaforiza vivências históricas de mulheres negras no Brasil, abrindo espaço para reflexões sobre identidade, desigualdade e luta. Essas obras, ao apresentarem diferentes modos de perceber e significar o mundo, permitem que os estudantes ampliem suas capacidades de interpretação e empatia, mobilizando as distinções entre “entender” e “interpretar”, conforme proposto por Jouve (2012).

Os discentes passam a reconhecer que compreender um texto literário exige mais do que a leitura literal; é necessário interpretá-lo em profundidade, construindo sentidos que levem em conta seus recursos simbólicos. Nesse processo, aprendem a perceber as metáforas presentes nas narrativas, especialmente aquelas relacionadas ao olhar das personagens — entendendo-o não apenas como ação física, mas como representação de percepções, afetos e relações de poder. Sendo assim, “um projeto inteligente de interpretação recua diante da solução final e protege a dúvida, preservando tanto o enigma do texto quanto a leitura do outro” (Bernardo, 2013, p. 103).

De tal modo, emolduramos nas palavras de Antonio Candido o nosso pensamento, ao desenvolver a intervenção aqui proposta:

Entendo aqui por *humanização* (já que falo tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compressivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (Candido, 2011, p. 182).

Pensando no direito que toda criança e adolescente têm ao acesso à literatura, Candido (2011) dá a ela o *status* de bem compressível, trazendo à tona a reflexão profunda

acerca das necessidades do ser humano. Deve a escola, portanto, reforçar a ideia de que literatura é a “manifestação universal de todos os homens em todos os tempos” (Candido, 2011, p.176), fazendo, dessa forma, com que todo o corpo escolar entenda que o ensino da Literatura é de fundamental relevância para a formação do indivíduo e um direito dele. Portanto, os contos que estão nesta proposta são essenciais para cultivar nos alunos uma visão mais humanizada diante dos problemas sociais, familiares, culturais que assolam a sociedade.

Os narradores presentes nos dois contos analisados — “Olhos d’Água”, de Conceição Evaristo, e “Olhos nos Olhos”, de Mia Couto — apresentam perspectivas e intenções distintas em relação à história que contam. Enquanto um assume uma posição mais íntima e subjetiva, revelando as dores e os silêncios de uma personagem marcada por exclusões sociais e raciais, o outro se constrói a partir de uma estrutura narrativa que convida à reflexão sobre o tempo, a ausência e as memórias. A análise dessas diferentes perspectivas narrativas é desenvolvida ao longo do enredo de cada conto, sendo aprofundada por meio das atividades propostas em sala de aula. Nessas atividades, os estudantes são convidados a identificar o tipo de narrador, sua posição em relação aos acontecimentos e aos demais personagens, bem como os efeitos de sentido que essas escolhas narrativas produzem. Assim, além de compreenderem os elementos estruturais da narrativa, os discentes exercitam a leitura crítica e sensível, articulando forma e conteúdo no processo de construção de sentido literário. É importante que os alunos e alunas percebam as nuances que são colocadas no conto de Conceição Evaristo a partir da necessidade de a narradora-personagem lembrar a cor dos olhos da mãe, e que, no segundo conto, a ação de olhar nos olhos um do outro tem uma carga expressiva e significativa para o desenrolar do enredo.

A simbologia do olhar e do choro é um elemento central em ambos os contos, funcionando como dispositivo poético para expressar dores, memórias e afetos silenciados. Isso se evidencia nos seguintes trechos “Minha mãe não chorava. Dizia que o choro se escondia dentro dos olhos, e que olhos d’água eram perigosos porque podiam transbordar.” (Evaristo, 2014, p. 17). “Eu sei. Porque esses, no seu rosto, são os meus olhos. E lágrimas que não eram suas desceram como gotas de chuva em vidro de janela.” (Couto, 2010, p. 34).

Esses dois fragmentos evidenciam o papel simbólico do olhar e das lágrimas na construção das subjetividades em ambos os contos. No texto de Conceição Evaristo, o olhar e o choro aparecem como metáforas de um sofrimento silenciado, contido, em que a repressão das emoções reflete a resistência diante de uma história marcada por opressões e perdas. As “águas” dos olhos são perigosas porque revelam uma dor que precisa ser contida para que a personagem — e tantas mulheres negras — possam seguir resistindo. Já no conto de Mia Couto, o compartilhamento das lágrimas entre as personagens (“são os meus olhos”) sinaliza uma comunhão afetiva e um atravessamento das barreiras emocionais entre o eu e o outro. Em ambos os casos, o olhar e o choro operam como dispositivos poéticos e simbólicos que aprofundam a carga emotiva das narrativas e ampliam as possibilidades de leitura crítica e sensível por parte dos estudantes.

A leitura de “Olhos d’água” mostra não só a angústia de não se lembrar da cor dos olhos da mãe, como também a experiência de compreender a história de uma família que diante de tantas adversidades sobrevive ancorada pela força dessa mãe-mulher-protetora que tanto orgulha a narradora e que, por fim, perpassa pela ancestralidade e pela busca de novas possibilidades para as gerações futuras. Essa perspectiva fica evidente em:

Não consigo me lembrar da cor dos olhos de minha mãe. Tento, mas não consigo. E no entanto, é deles que mais me lembro. É deles, porque toda vez que me olho no espelho são os olhos dela que vejo refletidos nos meus. É como se ela, através deles, estivesse me ensinando a enfrentar o mundo, a carregar a vida com dignidade, a não desistir de sonhar.” (Evaristo, 2014, p. 15.)

Esse trecho evidencia com sensibilidade o vínculo afetivo e ancestral que se perpetua na narradora, mesmo diante da ausência de uma lembrança visual precisa. O olhar da mãe, inscrito na memória da filha, torna-se um legado de resistência, de força e de esperança. Ao refletir sobre sua própria trajetória através da presença simbólica da mãe, a personagem reafirma a continuidade de um saber ancestral que não se apaga, mesmo diante das violências históricas. A narrativa de Conceição Evaristo propõe, assim, um espaço para que os estudantes possam reconhecer o valor das memórias e das heranças culturais, contribuindo para um letramento literário que valorize identidades, afetos e experiências marginalizadas na história oficial.

No conto de Mia Couto, observa-se um relacionamento apresentado sob a perspectiva de um narrador que, de forma consciente ou não, assume uma posição diante da história que relata. Por meio desse ponto de vista, evidencia-se não apenas a subjetividade do narrador, mas também a construção de uma personagem feminina que rompe com a submissão afetiva ao afirmar sua autonomia. Ao dizer “não” a um relacionamento que já não a contempla, essa mulher revela uma força simbólica que desloca expectativas tradicionais de gênero, inserindo-se no texto como sujeito de decisão e resistência.

Em “Olhos nos Olhos”, de Mia Couto, o jogo de olhares entre Clarice e seu ex-companheiro ganha forte carga simbólica e narrativa, marcando a virada de posição da personagem feminina. Em uma cena que explicita sua autonomia e força, Clarice se

aproxima, encara o ex-companheiro e, com um simples gesto — o ato de olhar nos olhos —, desestabiliza o homem que antes se via como dominador:

Clarice parou. Deu uns passos na direção do ex-companheiro, estacou bem próximo dele. E contemplou-o, inquisitiva, antes de falar: — É mesmo os livros que quer? Então, olhos nos olhos, se deu o impensável. João Rosa, encartado caçador de mulheres, não foi capaz de enfrentar Clarice. Rosto baixo, pálpebras tremeluzentes, em véspera da lágrima (Couto, 2010, p. 35.).

Esse momento de confronto visual representa um reposicionamento simbólico de Clarice, que, ao assumir uma postura segura e inquisitiva, inverte a relação de poder até então naturalizada entre os personagens. O olhar direto e firme da personagem desmonta o comportamento prepotente de João Rosa, transformando-o em figura fragilizada e vulnerável. Para o trabalho em sala de aula, essa cena oferece uma oportunidade valiosa de reflexão sobre as formas de representação da autonomia feminina e dos conflitos de gênero na literatura contemporânea, incentivando os estudantes a perceberem como elementos sutis da narrativa — como um olhar — podem carregar significados densos e críticos.

São com essas leituras que pretendemos que nossos alunos e alunas compreendam como a literatura pode abrir caminhos para refletirmos sobre questões que atravessam o cotidiano — vida familiar, relações afetivas, desigualdades sociais, educação —, provocando questionamentos, novos olhares e múltiplas interpretações. Mais do que simplesmente reafirmar o poder transformador da literatura, é importante destacar que “Olhos d’Água”, de Conceição Evaristo, e “Olhos nos Olhos”, de Mia Couto, oferecem um diferencial significativo nesse processo de formação leitora. Ambos os textos, por meio de narrativas densas e poéticas, convidam os estudantes a confrontarem temas como resistência, autonomia, ancestralidade, gênero e identidade, articulando subjetividade e crítica social. Como reforça Bernardo (2013, p. 83-84), “a leitura de textos literários

mostra-se especialmente refinada, porque sempre leva o leitor a acompanhar os acontecimentos narrados por outra perspectiva que não a sua: ou a do narrador ou a do protagonista". Ao trabalhar com essas obras, os alunos são levados a se colocar no lugar do outro e a perceber nuances sociais e humanas que muitas vezes passam despercebidas, desenvolvendo, assim, um letramento literário crítico e sensível.

## 5 ESTRATÉGIAS DE LEITURA LITERÁRIA: DA MOTIVAÇÃO À INTERPRETAÇÃO NA FORMAÇÃO DO LEITOR

A proposta metodológica adotada neste trabalho segue a estrutura da sequência básica de Cosson (2021), composta pelas etapas de motivação, introdução, leitura e interpretação e destina-se ao 9º ano do ensino fundamental, em 14 aulas de 40 minutos.

A fase da motivação foi planejada para despertar o interesse dos alunos e estabelecer conexões iniciais com os temas envolvidos nos contos. Para isso, são desenvolvidas duas atividades: a primeira consiste na escuta e análise de uma música que dialoga com a simbologia do olhar, enquanto a segunda envolve a interpretação de imagens que destacam essa expressão visual. Essa abordagem visa preparar os estudantes para a leitura, criando um repertório prévio que os auxilia na construção de sentidos, conforme orienta Cosson (2021, p. 54).

A leitura dos contos é guiada pelo princípio de que o acompanhamento pedagógico é fundamental para direcionar a interpretação e garantir que os objetivos sejam alcançados (Cosson, 2021, p. 62). Para isso, adotamos uma estratégia de protocolo de leitura significativa, baseada nos estudos de Coscarelli (1996), que prevê paradas estratégicas ao longo do texto para estimular o diálogo e a análise progressiva dos elementos narrativos. Esse método permite uma interação ativa com a narrativa, promovendo uma compreensão mais aprofundada das camadas de sentido.

Por fim, na interpretação, os estudantes são incentivados a refletir sobre os contos e a expressar suas compreensões, consolidando os conhecimentos adquiridos. De acordo com Cosson (2021, p. 68), esse momento deve possibilitar que os leitores articulem suas percepções e participem de um debate que enriquece a experiência literária. No caso de “Olhos d’Água”, os alunos são desafiados a reunir termos-chave extraídos de cada trecho lido, analisando especialmente a simbologia dos olhos da mãe da narradora. Já em “Olhos nos Olhos”, a ênfase recai sobre a construção do olhar ao longo da narrativa. Como culminância, os estudantes realizarão uma pesquisa orientada em plataformas digitais como YouTube, Spotify e *sites* de letras de músicas, com o objetivo de encontrar canções que expressem emoções semelhantes às evocadas nos contos “Olhos d’Água”, de Conceição Evaristo, e “Olhos nos Olhos”, de Mia Couto. A escolha das músicas deve considerar sentimentos como dor, abandono, resistência, esperança, afeto e o olhar sensível para as relações humanas — aspectos explorados nas leituras e discussões em sala. A proposta busca promover conexões significativas entre literatura e música, incentivando a escuta atenta, a interpretação crítica e o desenvolvimento da sensibilidade artística dos alunos.

A adoção da leitura protocolada também se justifica pela necessidade de fragmentar o processo de leitura para garantir maior assimilação de aspectos essenciais da narrativa, como a construção das personagens, os recursos linguísticos utilizados pelos autores e os sentimentos evocados nos contos. Com isso, busca-se desenvolver a habilidade de leitura crítica e interpretativa dos alunos, favorecendo a compreensão aprofundada dos temas sociais e das emoções presentes nas obras “Olhos d’Água”, de Conceição Evaristo, e “Olhos nos Olhos”, de Mia Couto, como aponta Coscarelli (1996). Além disso, para incentivar o compartilhamento de reflexões, os alunos serão convidados a comentar oralmente, em pequenos grupos, o que mais os tocou em cada conto, destacando

sentimentos, frases marcantes ou situações vividas pelas personagens. Em seguida, poderão registrar essas percepções em bilhetes ou *post-its*, que serão afixados em um painel na sala de aula. Essas ações simples permitem a troca de ideias e o reconhecimento das diferentes leituras e sensibilidades dentro do grupo. Nessa perspectiva, Colomer (2007, p. 147) destaca que essa interação fortalece o vínculo entre o leitor individual e a comunidade cultural, promovendo uma recepção mais crítica e aprofundada da literatura. Ao criar um espaço de trocas, a escola reafirma seu papel como um ambiente propício para o desenvolvimento da sensibilidade literária e do pensamento crítico.

## 6 DIÁLOGO ENTRE OS CONTOS: O OLHAR COMO FIO CONDUTOR DAS NARRATIVAS

A proposta de leitura dos contos “Olhos d’Água”, de Conceição Evaristo, e “Olhos nos Olhos”, de Mia Couto, está ancorada na sequência didática de Rildo Cosson e utiliza a leitura protocolada de Coscarelli como metodologia para promover uma compreensão aprofundada dos textos. A escolha dessas narrativas tem como base o papel simbólico do olhar nas histórias, que se apresenta como elemento central para a construção de sentidos, revelação de sentimentos e problematização das relações humanas.

Inicialmente, realiza-se a leitura protocolada do conto “Olhos d’Água”, em etapas, de modo que cada parágrafo seja lido, discutido e analisado com base em perguntas que incentivam a interpretação e a reflexão. Por exemplo, questões como: “De que cor eram os olhos de minha mãe?”, “A pergunta tinha ‘um tom acusatório’. O que isso parece significar para a narradora?” e “A brincadeira que elas mais gostavam de fazer revela dois opostos: a ficção em que elas desejavam viver e a realidade em que viviam. Como você explica essa dualidade?” procuram incentivar os alunos a pensar sobre os sentimentos da narradora, a construção simbólica do olhar e a dimensão afetiva e social da memória. Além disso,

atividades como a leitura em voz alta com entonação, a associação entre trechos do texto e palavras-chave e a caracterização dos tipos de tempo narrativo promovem o desenvolvimento de habilidades de análise e interpretação crítica.

Após a conclusão das atividades de leitura e compreensão do conto de Evaristo, realiza-se a leitura protocolada do conto “Olhos nos Olhos”, de Mia Couto. Também dividido em partes, o texto é acompanhado de perguntas como “Quem são os personagens do conto? Que tipo de relação eles aparentam ter?”, “Por que João Rosa, em certo momento, diz estar cego?” e “Como é possível compreender a expressão ‘véspera de lágrima?’”

Com essas perguntas, busca-se que os alunos percebam as camadas subjetivas dos sentimentos dos personagens, o papel do narrador em terceira pessoa e os sentidos simbólicos associados ao olhar e à cegueira emocional. A proposta de escrever um pequeno parágrafo narrando as ações do personagem João, com base em uma expressão do texto, também estimula a produção textual criativa e a empatia narrativa.

Por fim, os dois contos são colocados em diálogo, com foco na perspectiva do olhar como elemento simbólico comum. Os estudantes são convidados a comparar os textos a partir de uma tabela com critérios como foco narrativo, tempo predominante, construção dos personagens e função do olhar nas histórias. Além disso, propõe-se a escolha de músicas que dialoguem com os sentimentos evocados nos contos, com atividades como “Escolha uma música cuja letra retrate o sentimento expresso através do olhar em cada conto” e “Explique por que a música escolhida se relaciona com o texto”.

Essas atividades promovem a ampliação do repertório cultural dos alunos e reforçam o caráter interdisciplinar da proposta, conectando literatura, música e subjetividade. A sequência didática, assim, não apenas aprofunda a leitura literária, mas também possibilita aos estudantes a construção de sentidos próprios, o exercício da

empatia e o reconhecimento da literatura como espaço de reflexão crítica e afetiva sobre a vida.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve a intenção de proporcionar o desenvolvimento da capacidade leitora dos estudantes, promovendo o letramento literário através da leitura de dois contos de autores contemporâneos – Conceição Evaristo e Mia Couto. A análise dos contos visa promover uma reflexão sobre as problematizações presentes nos textos, como a desigualdade social, a marginalização dos sujeitos e as relações familiares marcadas pela ausência ou pelo afeto. Além disso, busca-se compreender os elementos que estruturam a narrativa, com destaque para o papel do narrador, que conduz o leitor por meio de olhares sensíveis e subjetivos, revelando as camadas emocionais e sociais que permeiam as histórias. Pretendemos que os alunos e alunas percebam as sutilezas da linguagem literária presentes nos contos, como o uso de metáforas, repetições, escolhas lexicais e construções que evocam sensibilidade e emoção. Esses recursos contribuem para a profundidade das narrativas e ajudam a revelar os sentimentos e as vivências das personagens presentes nos contos de forma mais intensa, as quais podem ser acessadas por meio da análise da atitude de olhar do narrador— compreendida não apenas como gesto físico, mas como metáfora, narrativa que expressa afetos, distanciamentos, resistências e formas de ver o mundo. Mais do que um simples ato de observação, o olhar em ambos os contos representa um ponto de partida para a construção de subjetividades e para a compreensão de relações marcadas por desigualdade, silêncio, desejo e ruptura. Ao explorar o poder e a profundidade desse olhar, os estudantes são convidados a interpretar as camadas simbólicas e emocionais que atravessam os textos.

Nosso percurso metodológico – a sequência básica de Cosson e a leitura protocolada de Coscarelli – nos conduziu a uma reflexão a respeito do amálgama que conduz nossa proposta, que é o olhar do narrador. A escolha dos contos “Olhos d’Água”, de Conceição Evaristo, e “Olhos nos Olhos”, de Mia Couto, revela-se significativa tanto no contexto literário nacional quanto no processo de formação leitora dos alunos. As obras dialogam com questões urgentes da realidade social, como desigualdade, identidade, gênero e pertencimento, proporcionando aos estudantes o contato com narrativas que desafiam silêncios históricos e ampliam as possibilidades de leitura do mundo, ao abordar personagens marginalizadas e diferentes perspectivas narrativas, que revelam modos distintos de enxergar o mundo e experienciar as relações humanas. Cada narrativa apresenta uma construção específica do olhar e da sensibilidade das personagens, permitindo ao leitor explorar múltiplas camadas de significado. Esses textos contribuem para o desenvolvimento do letramento literário ao mesmo tempo em que valorizam vozes plurais e promovem uma educação mais crítica, inclusiva e sensível à diversidade cultural e social que compõe o Brasil contemporâneo. Nossa interesse enquanto professoras é propiciar ao nosso estudante a ampliação de seus conhecimentos, aperfeiçoamento de suas habilidades, otimização de suas capacidades linguísticas, e tudo isso resulta na elaboração de propostas que, no campo da literatura, integrem a sistematização dos elementos literários à riqueza do repertório cultural presente nesse campo estético-literário.

Acreditamos que o ensino de literatura deve ir além do simples prazer de ler; é preciso explorar as múltiplas camadas de sentido que os textos oferecem, conduzindo os estudantes a uma experiência mais profunda de conhecimento e de reflexão. Levar o aluno à autonomia interpretativa e ao desenvolvimento do senso crítico é parte essencial das propostas pedagógicas que envolvem a leitura literária, pois permite que ele compreenda os textos de forma mais profunda e estabeleça relações com sua própria realidade.

Pensar o ensino de Literatura, nesse contexto, é oferecer ao estudante a possibilidade de se humanizar por meio das palavras, das narrativas e das vozes que ecoam nos textos. Os contos escolhidos para este trabalho instigam justamente esse processo: convidam à empatia, ao olhar sensível para o outro e à construção de identidades por meio da leitura. Nesse sentido, o compromisso com o ensino — e também com o deleite — da Literatura contribuiativamente para o processo humanizador da educação, possibilitando que os estudantes experienciem a leitura literária não apenas como um conteúdo escolar, mas como uma forma de compreender o mundo, o outro e a si mesmo.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas.** Trad. Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BERNARDO, Gustavo. **Conversas com um professor de literatura.** Rio de Janeiro: Rocco, 2013.
- BRAIT, Beth. **A personagem.** São Paulo: Contexto, 2017.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos.** 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil:** teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.
- COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário.** Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global Editora, 2003.
- COLOMER, Teresa. Ler com os outros. In: **Andar entre livros:** a leitura literária na escola. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- COSCARELLI, Carla Viana. O ensino da leitura: uma perspectiva psicolinguística. In: **Boletim da Associação Brasileira de Linguística.** Maceió: Imprensa Universitária, dez. 1996. p. 163-174.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- COUTO, Mia. Olhos nus: olhos. In: BRESSANE, Ronaldo (org.). **Essa história está diferente:** dez contos para canções de Chico Buarque. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. In: **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2015. p. 15-19.

JOUVE, V. **A Leitura**. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: UNESP, 2002.

JOUVE, V. **Por que estudar literatura?** Tradução: Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. São Paulo: Pontes, 2010.

LAJOLO, Marisa. Tecendo a leitura. In: LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993. p. 104-109.

LEITE, Ligia Chappiani Moraes. **O foco narrativo**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2023.

RECEBIDO EM: 30 de julho de 2025  
APROVADO EM: 04 de dezembro de 2025  
Publicado em dezembro de 2025